

REFLEXÃO: A FORMAÇÃO DE ENFERMEIROS E A EXPANSÃO DO ENSINO DE ENFERMAGEM NO CEARÁ

REFLEXION: THE NURSES GRADUATION AND THE EXPANSION OF NURSING TEACHING IN THE STATE OF CEARÁ

REFLEXIÓN SOBRE LA INSTRUCCIÓN UNIVERSITARIA DE ENFERMEROS Y LA EXPANSIÓN DE LA ENSEÑANZA DE ENFERMERIA EN EL ESTADO DE CEARÁ

MARCELO GURGEL CARLOS DA SILVA¹

SÍLVIA MARIA NÓBREGA-THERRIÉN²

Neste estudo é apresentado um breve histórico sobre a criação das instituições formadoras de Enfermagem no Ceará, seguido de considerações sobre a situação atual dos cursos existentes. Apreciação sobre os resultados do Exame Nacional de Cursos de 2003, aplicado aos concluintes de Enfermagem das universidades cearenses, foi efetuada, observando aspectos relativos ao desempenho dos alunos no exame e às características do corpo docente. Na seqüência, o texto discorre sobre a forma desordenada da recente expansão de novos cursos de Enfermagem, que vem ocorrendo no setor privado, criados em faculdades ou estabelecimentos isolados, sem tradição na produção de conhecimentos, mas regidos, notadamente, pelo interesse nos ganhos financeiros. Uma reflexão foi feita sobre as possíveis causas desse avanço e das prováveis conseqüências do aumento do número de profissionais de Enfermagem, em dissonância com as reais necessidades de saúde da população e da capacidade de absorção do mercado de trabalho, conclamando as entidades representativas da classe para discutir essa questão.

PALAVRAS-CHAVE: Educação em Enfermagem; Ensino; Prática profissional.

This is a brief story of the foundation of the nursing schools in Ceará, followed by a few remarks on the current situation of the institutions now in existence. The results of the National Course Assessment of the year 2003- a test taken by students graduating from Brazilian Universities, including nursing schools in Ceará, were analyzed for students' performance as well as for teaching body characteristics. The text also deals with the recent boom and troublesome development of new private nursing schools which can be found nowadays in faculties as well as other institutions with no tradition in knowledge production, founded with the sole intent of financial gain. The possible causes of this development and the effects it is likely to produce upon the number and skill level of nurses is in complete discordance with the actual health care needs of the population. The labor market absorption potential and representatives of the class are urged to give more attention to the issue.

KEYWORDS: Education, Nursing; Teaching; Professional practice.

Se presenta un histórico breve sobre la creación de las instituciones formadoras de Enfermería en el Estado de Ceará, seguido de consideraciones sobre la situación actual de los cursos existentes. Fueron analizados los resultados de los alumnos de facultades cearenses en el Examen Nacional de Cursos de 2003 y las características del cuerpo docente. A continuación el texto discurre sobre el desorden de la reciente expansión de nuevos cursos de Enfermería que está ocurriendo en el sector privado, en facultades o establecimientos aislados, sin tradición en la producción de conocimientos y orientados por intereses fundamentalmente financieros. Fue realizada una reflexión sobre las posibles causas de este avance y las probables consecuencias del aumento del número de profesionales de enfermería en desacuerdo con las necesidades reales de la población y con la capacidad de absorción del mercado de trabajo, llamando a las entidades representativas de clase para discutir esta cuestión.

PALABRAS CLAVE: Educación en Enfermería; Enseñanza; Práctica profesional.

¹ Dr. em Saúde Pública e Pós-doutor em Economia da Saúde pela Universidade de São Paulo-USP. Prof. Titular da Universidade Estadual do Ceará do Curso de Medicina e Mestrado Acadêmico em Saúde Pública. E-mail: marcelo@uece.br

² Dra. em Sociologia pela Universidade de Salamanca, Espanha. Profa. Adjunto da Universidade Estadual do Ceará do Curso de Enfermagem e Medicina e Mestrado Acadêmico em Saúde Pública. E-mail: silnth@terra.com.br

INTRODUÇÃO

O proposto deste ensaio é o de contribuir para uma reflexão sobre a atual expansão de cursos de Enfermagem no Estado do Ceará, evidenciando a necessidade de acompanhamento principalmente pelos órgãos representativos da categoria, de projetos de criação de novos cursos, uma vez que os mesmos influenciam diretamente na qualidade do profissional a ser formado, conseqüentemente no exercício da profissão.

UM BREVE HISTÓRICO

O ensino superior de Enfermagem no Ceará foi iniciado há sessenta anos, em 1943, com a implantação da Escola de Enfermagem, a de São Vicente de Paulo, que posteriormente viria juntar-se a outras faculdades (Administração, Filosofia, Serviço Social e Veterinária), para dar substrato à criação da Universidade Estadual do Ceará (UECE), em 1975. Podemos conferir o reconhecimento desse curso através do Decreto 21.855 – DOU 26/09/46, quando ainda não pertencia ao sistema federal de ensino superior, segundo dados do Ministério da Educação¹. O segundo curso foi gerado institucionalmente em Fortaleza na Universidade Federal do Ceará (UFC), em 1970 segundo Resolução CONSU/UFC de 23/01/1970, iniciando, porém seu funcionamento somente em 1976, sendo reconhecido pelo MEC em Portaria nº 1160 em 21/11/1979. O terceiro surgiu na Universidade de Fortaleza (UNIFOR), em 1972 (Despacho 2952/1972 do CFE), com data de publicação em Decreto federal em 04/01/1973, sendo reconhecido pelo MEC em 23/12/1976. O quarto veio à luz no interior do estado, na cidade de Sobral, em 1975, com início em 18/12/1979, sob o abrigo da Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA), sendo credenciado pelo MEC em 1987. O quinto,

veio à tona, também, no interior do estado, na cidade do Crato, em 1995, abrigado na Universidade Regional do Cariri (URCA), iniciado seu funcionamento em 16/02/1998, sendo credenciado pelo MEC no Parecer nº 131/98 de 15/12/1998. Três novos cursos, ambos particulares, foram autorizados mais recentemente pelo MEC: um, na capital cearense, na Faculdade Integrada da Grande Fortaleza –FGF em 2001, iniciando sua primeira turma em 2004, autorizado pelo MEC em Portaria nº 707 de 18/03/2004; outro, em Quixadá, no Instituto Filosófico Teológico Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão-IFTNSIRS, em 2004, com Portaria MEC nº 159 de 12/01/2004; e mais um em Fortaleza, na Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza -FAMETRO já em 2005, com Portaria MEC nº 2.240 de 23/06/2005. O quadro 1, elaborado com base em dados do Ministério da Educação¹, apresenta a distribuição da expansão de cursos e vagas ofertadas, contribuindo com outros informes para esta reflexão.

Constata-se que há cinco instituições formadoras sediadas em Fortaleza, que, conjuntamente, por ano, oferecem 550 vagas; são três as existentes no interior que suprem as 260 vagas restantes, distribuídas em quatro cidades: Sobral, Crato, Quixadá e Iguatu (uma extensão da URCA), cobrindo parcialmente as regiões norte, central e sul do Ceará; vestibulares para os cursos de Enfermagem

QUADRO 1 – ALGUMAS CARACTERÍSTICAS INSTITUCIONAIS DOS CURSOS DE ENFERMAGEM NO CEARÁ

Instituição	Órgão acadêmico	Cidade	Categoria	Ano de	Vagas	Vagas por	Vagas
IFTNSIRS	Faculdade	Quixadá	Particular	2004	80	40	80
UFC	Universidade	Fortaleza	Pública	1970	80	40	80
FGF	Centro Universitário	Fortaleza	Particular	2001	100	50	100
FAMETRO	Faculdade	Fortaleza	Particular	2005	200	100	200
URCA	Universidade	Crato	Pública	1995	60	60	120
UNIFOR	Universidade	Fortaleza	Filantrópica	1972	110	55	110
UECE	Universidade	Fortaleza	Pública	1943	60	30	60
UVA	Universidade	Sobral	Pública	1975	60	30	60
Total					750	505	810

Fonte: MEC/SESu www.educacaosuperior.inep.gov.br/funcional/lista_curso.asp

Legenda:

IFTNSIRS – Instituto Filosófico Teológico Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão; UFC – Universidade Federal do Ceará; FGF – Faculdade Integrada da Grande Fortaleza; FAMETRO – Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza; URCA – Universidade Regional do Cariri; UNIFOR – Universidade de Fortaleza; UECE – Universidade Estadual do Ceará; UVA – Universidade Estadual do Vale do Acaraú

interioranos, ministrados por universidades, expressam acerba concorrência por vaga, indicando, em parte, uma substancial demanda potencial de candidatas.

No entanto, trata-se de uma disputa por acesso a instituições públicas, sendo temerário intuir o mesmo afã de seguir essa carreira profissional, quando entra em cena a disponibilidade a pagar, custeando com recursos próprios, tal graduação. Isto posto, convém alertar aos empresários do ensino superior quanto ao sério risco a incorrer, no caso de querer “investir” em cursos de Enfermagem, sobretudo se desacompanhado de outras graduações no campo da saúde, visto perder, por um lado, o benefício da economia de escala, pelo múltiplo uso de recursos comuns, como por exemplo: pessoal administrativo, professores e laboratórios de áreas básicas etc.; e por outro, uma diminuição na qualidade da formação por não contar com a multidisciplinaridade, a interdisciplinaridade e transversalidade.

A proposta interdisciplinar aponta para uma tentativa de globalização, e a transversalidade aponta para o reconhecimento de que é possível transitar pela multiplicidade das áreas de conhecimento, estabelecendo inúmeras conexões que ensinam o profissional a pensar o conhecimento como forma de estar no páreo da concorrência do mercado de trabalho².

Desempenho dos cursos de Enfermagem no Ceará no Exame Nacional de Cursos

Embora o montante de vagas autorizado pelo MEC seja de setecentas e cinquenta vagas anuais, presentemente, ingressam, por ano, nos cursos de Enfermagem no Ceará, cerca de 810 universitários, dentre os quais, 320 (39,5%) nas instituições públicas, o que assegura ainda uma discreta predominância de diplomados pelo setor público, mas não no alunado efetivo, pois, nos anos vindouros, serão graduadas as primeiras turmas dos novéis cursos. Contudo, a ampliação da oferta de vagas no setor particular ratifica a tendência da privatização do ensino de enfermagem no estado, a exemplo do que sucede no restante do país, sendo cabível a preocupação da sociedade, diante do inferior desempenho qualitativo dos egressos das escolas par-

ticulares, quando esses são confrontados com os das universidades públicas, no Exame Nacional de Cursos (ENC) (o extinto Provão do MEC) (tabs. 1 a 4).

Com efeito, a apreciação da qualidade do produto, medida pelo Provão de 2003, consoante dados extraídos do Ministério da Educação³, revelou os seguintes conceitos: UFC (B), UECE (B), UVA (C), UNIFOR (C) e URCA (B) (tab. 2); as demais entidades não foram avaliadas por esse exame, porquanto seus cursos de Enfermagem serem de recente constituição, devendo somente, e futuramente, passar pela nova modalidade de avaliação, denominada Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE), que tem sido duramente contestada por educadores de primeira linha do país, mas que não deixa de ter o mérito de ser uma das importantes tentativas de avaliação de cursos de graduação em nível nacional, um tipo de avaliação que apresenta caráter público e político⁴. A importância de um sistema de avaliação é reforçada quando se afirma que a avaliação sempre cumpre papel fundamental no processo de orientação de mudanças^{5,6}.

Em conjunto, no exame de 2003, apresentaram-se 369 concorrentes do Curso de Enfermagem, observando a seguinte distribuição: UFC (96), UNIFOR (91), URCA (71), UECE (56) e URCA (55), indicando quase 75% dos concludentes formados por universidades públicas. Quando cotejados os quartis superior (P75-P100) e inferior (P0-P25), os resultados foram bons: 115 (31,2%) e 55 (14,9%), valendo assinalar o contraste, respectivamente, naqueles quartis, das universidades: UFC (37,5% x 6,3%), UECE (39,3% x 16,1%), UNIFOR (27,7% x 19,8%) e URCA (29,9% x 12,7%); não houve quase diferença nos resultados da UVA (22,5% x 21,1%). Como podemos observar na tabela que segue:

TABELA 1 – RESULTADOS, POR QUARTIS, DOS CONCLUDENTES DOS CURSOS DE ENFERMAGEM DO CEARÁ NO EXAME NACIONAL DE CURSOS (PROVÃO) DE 2003

Instituição	Presentes	Nº	P0-P25	Nº	P75-P100	Conceito
Universidade de Fortaleza	91	18	19,8	25	27,7	C
Universidade Federal do Ceará	96	6	6,3	36	37,5	B
Universidade Regional do Cariri	55	7	12,7	16	29,9	C
Universidade Estadual do Ceará	56	9	16,1	22	19,3	B
Universidade Estadual do Vale do Acaraú	71	15	21,1	16	22,5	B
Total	369	55	14,9	115	31,2	

Fonte: MEC/INEP www.inep.gov.br/superior/provao/

Sob a ótica da titulação do corpo docente, em 2003, notou-se que os doutores são dominantes na UFC (68,4%), seguido da UECE (41,7%), e os mestres predominam na UNIFOR (56,2%), UECE (45%) e UVA (40,6%); quase 60% dos professores da UVA são especialistas, enquanto a URCA não revelou seus dados (tab. 2).

TABELA 2 – TITULAÇÃO DO CORPO DOCENTE DOS CURSOS DE ENFERMAGEM DO CEARÁ SEGUNDO O EXAME NACIONAL DE CURSOS (PROVÃO) DE 2003.

Instituição	Docentes	Nº	DR	Nº	MS	Nº	Esp	Nº	Gr
Universidade de Fortaleza	73	13	17,8	41	56,2	16	21,9	3	4,1
Universidade Federal do Ceará	19	13	68,4	5	26,3	-	-	1	5,3
Universidade Regional do Cariri	SI								
Universidade Estadual do Ceará	60	25	41,7	27	45,0	6	10,0	2	3,3
Universidade Estadual do Vale do Acaraú	32	-	-	13	40,6	19	59,4	-	-
Total	184	51	36,4	86	46,7	41	29,3	6	4,3

Fonte: MEC/INEP www.inep.gov.br/superior/provao/ SI: sem informação

Quanto à carga horária de exercício dos professores, pelo ENC 2003, em regime de 40 horas semanais ou dedicação exclusiva, as maiores participações são as de professores da UECE (93,3%) e da UVA (65,6%). Conforme tabela abaixo:

TABELA 3 – JORNADA DE TRABALHO DOCENTE DOS CURSOS DE ENFERMAGEM DO CEARÁ SEGUNDO O EXAME NACIONAL DE CURSOS (PROVÃO) DE 2003.

Instituição	Docentes	Nº	>40	Nº	20-39	Nº	8 a 19	Nº	<8
Universidade de Fortaleza	73	26	35,6	33	45,2	14	19,2	-	-
Universidade Federal do Ceará	19	6	31,6	7	36,8	4	21,1	2	10,5
Universidade Regional do Cariri	SI								
Universidade Estadual do Ceará	60	56	93,3	1	1,7	1	1,7	2	3,3
Universidade Estadual do Vale do Acaraú	32	21	65,6	9	28,1	-	-	2	6,3
Total	184	109	59,2	50	27,2	19	10,3	6	3,3

Fonte: MEC/INEP www.inep.gov.br/superior/provao/ SI: sem informação

Por outro lado, os professorados da UNIFOR e da UECE revelam maior comprometimento contratual em sala de aula, ao passo que parece ser menos cobrada essa intervenção na UFC e na UVA (tab. 4).

TABELA 4 – EXERCÍCIO DOCENTE EM SALA DE AULA DOS CURSOS DE ENFERMAGEM DO CEARÁ SEGUNDO O EXAME NACIONAL DE CURSOS (PROVÃO) DE 2003.

Instituição	Docentes	Nº	>40	Nº	20-39	Nº	8 a 19	Nº	<8
Universidade de Fortaleza	73	2	2,8	37	50,0	24	33,3	10	13,9
Universidade Federal do Ceará	19	1	5,3	4	21,1	12	63,2	2	10,5
Universidade Regional do Cariri	SI								
Universidade Estadual do Ceará	60	1	1,7	56	93,3	1	1,7	2	3,3
Universidade Estadual do Vale do Acaraú	32	-	-	-	-	10	31,3	21	68,8
Total	184	4	2,2	97	52,7	47	25,5	35	19,0

Fonte: MEC/INEP www.inep.gov.br/superior/provao/ SI: sem informação

Por oportuno, vale salientar que o número de concorrentes ao Provão de 2003 é muito semelhante ao de primeiras matrículas de quatro ou cinco anos atrás, pós-vestibular, das instituições de origem, ratificando a tendência de baixa evasão dos alunos de Enfermagem e demonstrando bom aproveitamento dos recursos alocados nesses cursos superiores.

Expansão de cursos de Enfermagem no Ceará: a realidade no Estado

A expansão de cursos de Enfermagem no Ceará parece ocorrer de forma descontrolada e extemporânea, sob o beneplácito do Ministério da Educação (MEC), que tem autorizado a instalação e o funcionamento dos mesmos em instituições de ensino superior privadas, as quais, quase sempre, obedecem somente à tônica de que há “consumidores” dispostos a pagar para obter um diploma de bacharel em Enfermagem, pouco atentando para o fato de serem ou não incorporados ao mercado de trabalho. Mesmo com a afirmação de que “o Brasil precisa de mais de 50 mil enfermeiros”, o que se observa no cenário é a predominância do sub-emprego⁷.

É paradigmático que os cursos surgidos, nos últimos dois anos, foram particulares e criados em faculdades ou estabelecimentos isolados, portanto, nenhum deles em universidade, o que pode indicar uma orientação menos vocacionada

para a produção de conhecimentos, haja vista a maioria desses estabelecimentos não ter, em geral, maior responsabilidade pela geração do saber, ou seja, restringe-se a reproduzir o que já é conhecido, sob o rótulo de escolas de terceiro grau.

Como já reportado, em seis décadas, foram instalados cinco cursos de Enfermagem no Ceará. Ocorre, porém, que a partir de 2001, logo, em pouco mais de três anos, foram agregados mais três cursos de Enfermagem, totalizando oito instituições formadoras, devidamente regularizadas junto ao MEC, que, por sua vez, autoriza a oferta de setecentas e cinquenta vagas anuais, para acesso por vestibular; a situação inspira maior preocupação, face à gestação de outros empreendimentos similares, a serem instalados a curto prazo, na capital e no interior cearenses.

Existem, no Ceará, cinco universidades, quatro públicas e uma particular, todas já abrigando o curso de Enfermagem, as quais experimentam forte e consistente concorrência de candidatos, por vagas, em seus vestibulares, como demonstram os valores desses certames dos últimos anos (e.g. a relação candidato por vaga foi 37,7 na UECE, no vestibular de 2005.2 e de 17,3 para o de 2006.1 da UFC); a própria UNIFOR, considerando a sua natureza privada, mantém o bacharelado em Enfermagem entre as suas graduações mais disputadas.

Esse excedente de candidatos, especialmente no setor público, pode ser direcionado para outras profissões ou impulsionado para o preenchimento de vagas em Enfermagem, no âmbito particular, configurando um atrativo para a chegada de novos cursos, que podem se valer, muito bem, de uma estratégia agressiva de *marketing*, com mensalidades convidativas, traduzindo os baixos preços propostos, como não seria difícil imaginar, um engodo inicial para garantir a visibilidade inicial do curso, ou até esboçando o próprio custo real atrelado à baixa qualidade de ensino.

É bem provável que diversas instituições privadas, sediadas na capital ou no interior do Ceará, que ainda não têm curso de Enfermagem, assim como outros grupos empresariais da educação superior, consolidados na região Sudeste, que pretendam expandir suas presenças no território cearense, almejem, à curto ou médio prazos, oferecer vagas para a formação em Enfermagem, motivados pela expectativa de auferir alta rentabilidade do empreendimento, baseada na visão comercial, principalmente se for fir-

mado o compromisso com a qualidade do ensino, o que poderá podar os investimentos em infra-estrutura e em corpo docente de maior titulação.

Com respeito à infra-estrutura de serviços de saúde para as atividades práticas, as universidades públicas estão relativamente melhor servidas, por disporem de hospitais e unidades ambulatoriais, utilizáveis, diretamente, quando integrantes de seu organograma, ou por meio de convênios, quando pertencentes ao poder público; a UNIFOR, com quase três décadas de funcionamento, possui o Núcleo de Atenção Médica Integrada (NAMI), que, além dos relevantes serviços de saúde propiciados à população carente que vive ao seu entorno, supre, em grande parte, as necessidades de treinamento, no tocante aos atendimentos ambulatorial e domiciliar, e, ainda, por convênios firmados, assegura a oferta de uma ampla rede de estabelecimentos de saúde para estágios curriculares de seu alunado.

As escolas particulares, com cursos de enfermagem, no Ceará, são, *grosso modo*, despojadas de serviços próprios de saúde, estando à mercê de contratos com as Secretarias Estadual ou Municipais de Saúde. O mesmo acontece com os hospitais privados, ancorados em uma relação contratual frágil, mesmo porque não costuma haver contrapartida, seja ela financeira ou em suprimentos de material, das unidades de ensino, em favor da rede hospitalar, tão pouco existindo a possibilidade de acrescentar ganhos pecuniários, advindos do Fundo de Incentivo ao Desenvolvimento do Ensino e da Pesquisa em Saúde (FIDEPS) ou seus sucedâneos de incentivo ao ensino na saúde, em decorrência desse relacionamento.

Sem dúvida alguma, não há guarida para contratação de docentes menos titulados, sob a alegativa de escassez desses recursos humanos, uma vez que a UFC possui um programa de pós-graduação específico em Enfermagem, de reconhecida excelência pela CAPES, responsável pelas “formadas” de mestres e doutores de elevada qualificação, sistematicamente posta à disposição dessas entidades de ensino universitário. É marcante a presença de enfermeiros no corpo discente dos mais diversos cursos de mestrado de outras universidades do Ceará, ao lado de tantos que estão a cursar programas em outros estados, e que tencionam voltar para engajamento na prática da docência superior no seu Estado de origem ⁸.

Causa certa estranheza a percepção de que novos cursos estejam sendo engendrados por profissionais de enfermagem de notória competência, “calejados” na experiência de magistério; no entanto, ao que parece, cumprem um contrato de elaboração de projetos coerentes com as diretrizes do MEC, cuja relação contratual expira-se na entrega do produto, ou, quando muito, por ocasião do recebimento da autorização de funcionamento do projeto, não tendo talvez qualquer compromisso com a sua implantação, agindo como “cérebros” de aluguel, que geram e desenvolvem o conceito, mas não acompanham o desenvolvimento do neonato.

Para um curso em criação, e durante a sua implementação, é de bom alvitre que conte com a colaboração de consultores experientes nas lides pedagógicas específicas da enfermagem, no entanto, é imperativo que, desde o princípio, em sua fase inicial de planejamento, disponha de recursos próprios, formados por profissionais que efetivamente vão trabalhar em prol e na implantação do curso, e não meramente cedendo seus *curricula*, para fins de figuração no projeto, e, assim, avalizando a obtenção da autorização de funcionamento, podendo significar, a partir daí, a finalização dos “termos contratuais” entre as partes.

Expansão de cursos de Enfermagem no Ceará: outros caminhos

Outras modalidades de expansão da oferta de vagas em Enfermagem têm sido tentadas, a exemplo das proposições de formação de turmas, únicas e isoladas, em diferentes cidades interioranas, como uma extensão temporária de *campi* avançados da UECE, que foram analisadas e rejeitadas, sobretudo à conta de critérios técnicos. Sem dúvida, existe um forte apelo com vistas à interiorização do enfermeiro, via a desconcentração dos aparelhos formadores, com argumentos de que essa concorreria para aumentar o grau de escolarização da juventude interiorana e de atrair outros jovens, oriundos de municípios de maior porte, algo fatalmente falacioso caso não se estabeleçam oportunidades de emprego e de trabalho na região.

Nesse sentido, é deveras intrigante a extensão perpetrada pela URCA, que recentemente abriu turma de Enfermagem em Iguatu, o que poderá inclusive comprometer a qualidade do curso oferecido no Crato, pois, considerando as atuais res-

trições de contratação ou nomeação de docentes nas universidades estaduais, é possível que a URCA tenha então que lançar mão do compartilhamento de recursos; as questões logísticas de gerenciamento de um *campus* distante cerca de cento e cinquenta quilômetros da sede institucional da universidade compõem um sério agravante que pode solapar o empenho e a boa vontade de seus docentes e dirigentes. É preciso considerar que no “processo pedagógico de formação profissional, a ponte entre a formação técnico-científica realizada intra-muros e a realidade do meio, do mercado, é fundamental”².

Há ainda um risco plausível, decorrente do avanço do segmento privado, cujas instituições poderão criar, sob o resguardo da lei, cursos técnicos, profissionalizantes e seqüenciais, de curta duração, em áreas correlatas da atuação do enfermeiro, e, posteriormente, talvez, sinalizar com o ingresso no bacharelado de Enfermagem, sem vestibular, e aventando o aproveitamento dos créditos, ou da carga horária, realizados, para a conclusão da graduação em aproximadamente dois anos de estudo, condição que tende a formar um profissional tecnicamente inadequado. Tal prática na área de saúde se torna mais agravante, uma vez que envolve o cuidado do ser humano⁹.

Essas investidas podem incitar uma certa conturbação na mente dos que tiveram o privilégio de acompanhar o nascedouro do Curso de Enfermagem da UFC, em meados da década de 1970, quando, além da decisão técnica e do firme apoio da Universidade, e em especial do Centro de Ciências da Saúde, tinha por pedra angular a Profa. Graziela Teixeira Barroso, que, com um pequeno, porém seletivo, grupo de enfermeiras, aninhado no Departamento de Saúde Comunitária, constituiu e construiu, a passos largos e ousados, um dos melhores cursos do país e motivo de orgulho da UFC.

Diferentemente de outras categorias profissionais da saúde, como farmácia, medicina e odontologia, que, diante do surgimento de qualquer novo curso de suas áreas de trabalho, são movidas pelo espírito corporativo e tentam travar a oferta de novas turmas, recorrendo a argumentos de diversos feitios, é fato inusitado que as entidades de classes da Enfermagem têm permanecido silentes, não pon-do sequer em discussão a pertinência da instalação de outros centros formadores de enfermeiros e suas possíveis repercussões no mercado de trabalho.

Estudos realizados, em 2000, indicavam como resultado de tais pesquisas cinco pontos importantes que devem

ser considerados na análise com relação à formação profissional: incremento no número de escolas; incremento exponencial de novos profissionais no mercado, diminuição da qualidade da formação profissional em várias escolas; a feminização da força de trabalho e por último a diminuição de oportunidades (demanda) no mercado de trabalho, especialmente no mercado formal que oferece segurança e garantias ao trabalhador¹⁰. À época, os autores sugeriam, quanto à expansão de escolas de graduação e incremento exponencial na formação de profissionais, a possibilidade de inclusão do exame de certificação de enfermeiros, médicos, odontólogos e farmacêuticos para a sua entrada no mercado de trabalho¹⁰. A implantação dessa medida poderia constituir importante contribuição para minimizar o problema.

O crescimento desordenado da formação profissional, sem o devido estudo de adequação das necessidades de saúde da população e da capacidade de absorção do mercado, poderá ensejar uma perspectiva sombria para o exercício da Enfermagem, comprometendo a qualidade técnica e a própria sobrevivência de seus trabalhadores, com acirramento da competição por postos de trabalhos, já agravados pelo achatamento salarial, isso sem se falar da desmotivação para a boa e salutar prática, que requer a combinação de conhecimentos apurados e habilidades, dosados com dedicação e desvelo na arte de cuidar do próximo.

Tais fatos impõem a legítima conclamação dos que seguem os passos trilhados por Florence Nightingale e Ana Nery, sob a égide de suas entidades associativas, para a discussão, com a sociedade civil organizada, acerca dos benefícios e dos riscos da oferta de vagas para a preparação e habilitação de uma profissão que lida com o bem único, singular e sobretudo precioso – a vida humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É crescente o aumento da oferta de cursos de graduação em Enfermagem no Estado do Ceará. Esse aumento tem se constatado nos últimos anos sobretudo em Faculdades privadas. Acreditamos que esse aumento vem ocorrendo sem um planejamento adequado, objetivando principalmente o investimento com lucro garantido propiciado por uma demanda de mercado de trabalho sem a qualidade de formação que a universidade pública oferece.

A categoria, seus conselhos e associações, precisam agir e criar mecanismos de acompanhamento dessa expansão.

O momento atual exige uma reflexão, que não dispensa a urgência da ação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Ministério da Educação (BR). Secretaria de Educação Superior. Cursos e Instituições: cadastro das instituições de educação superior. Disponível em: <www.educacaosuperior.inep.gov.br/funcional/lista_curso.asp>. Acessado em: 5 set. 2005.
2. Barbosa MA, Brasil VV, Sousa ALL, Monego ET. Refletindo sobre o desafio da formação do profissional de saúde. Rev. Bras. Enferm. 2003 set/out; 56(5): 574-6.
3. Ministério da Educação (BR). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Disponível em: www.inep.gov.br/superior/provao/. Acessado em: 5 set. 2005.
4. Dias-Sobrinho J. Universidade e avaliação: entre a ética e o mercado. Florianópolis: Insular; 2002.
5. Vianna HM. Avaliação educacional: teoria, planejamento e modelos. São Paulo: IBRASA, 2000.
6. Feuerwerker L, Almeida M. Diretrizes curriculares e projetos pedagógicos: é tempo de ação! Rev. Bras. Enferm. 2003 ju.l/ago.; 56(4): 351-7.
7. Gurgel M. Barbalha luta pela criação de um curso de enfermagem. J. UFC. 2005 abr; 2(3): 10.
8. Nobrega-Therrien SM. Enfermeira: implicações na profissão desses sujeitos sociais. In: Sampaio HAC, Jorge MSB (Org.) Construção do conhecimento em saúde coletiva: políticas públicas e diversidades. Fortaleza: INESP/EDUECE; 2001. p.131-55.
9. Gomes CO, Farias GM, Brito RS, Torres GV, Germana RM. Reflexão sobre o processo ensinar e aprender no laboratório de enfermagem. Rev RENE, Fortaleza 2005 jan./abr; 6(1): 112-8.
10. Machado MH, Pereira S. Os recursos humanos e o sistema de saúde no Brasil 2000. Gac. Sanit. Barcelona. 2002 fev; 16(1): 1-7.

RECEBIDO: 09/09/05

ACEITO: 05/09/06